

Aide Vi

Go. 12.9.59

CM 24.2.54

BATISMO

Ir à praia cedo, como na infância. As ilhas no horizonte, ainda são veladas pela névoa da madrugada. O mar andou bravo esta noite, arrancando algas e mexilhões das pedras em seu grande assanhamento de lua; respirar seu hálito acre; dar um mergulho na água fria, na praia ainda solitária, levar umas pancadas de onda, voltar para o sol da areia. Andar assim à-toa ao longo da praia, o sol nos olhos, chapinhando na espuma branca. São raras as pessoas que vão surgindo; a maioria da gente que vem à praia despreza esta delícia matinal, este mar novo de cada manhã, esta areia ainda virgem, esta pureza do ar que me restaura na infância, me faz simples, alegre e bom.

Mas encontro, com surpresa, uma senhora conhecida. Ela trouxe pela primeira vez à praia seu menino nu, que deve ter dois anos. Fala com êle, ergue-o no ar, brinca, ri, tôda contente de ver seu menino nu brilhando ao sol. Vou seguir caminho, mas me detenho a vê-la: carregou a criança para junto das espumas. O garoto que ria, olha pela primeira vez, bem de perto, o mar. Está sério. Uma língua de espuma avança até êle, molha-o de leve. Êle chora, olha a mãe que o excita rindo, batendo palmas. Êle se anima outra vez, talvez sinta que o mar é bom, é um brinquedo novo da mãe. Outra espuma se aproxima, mas não chega até êle; a mãe avança o braço, bate com a palma aberta na água, sempre falando, rindo. Êle olha, entre inquieto e divertido. Vem outra onda, mas a mãe o ergue no ar; a água fria apenas beifa seus pezinhos.

Eu me afasto mais; longe, me sento na areia e fico olhando o quadro. Contra a luz, já não distingo os rostos, nem ouço a voz da mulher. Assim, com a silhueta cortada contra a luz que se reflete no chão molhado, ela parece estar nua como o seu menino. E' apenas uma jovem fêmea que ensina o mar e o mundo à sua cria; transmite-lhe a experiência da espécie e o sentimento dos deuses; na sua graça matinal êsse batismo tem uma beleza solene.

24/2/54 R. B

18. E. 8